

Manifesto em defesa do legado de Paulo Freire à educação no ano do centenário de seu nascimento¹

Eldon Henrique Mühl*

O Programa de Pós-Graduação em Educação, o Nupefe, o Gepes, os grupos de pesquisa vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Passo Fundo (UPF) e a revista *Espaço Pedagógico* manifestam seu reconhecimento ao legado à educação do educador **Paulo Reglus Neves Freire**, por ocasião do centenário de seu nascimento.

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, em Recife, PE, e faleceu em 02 de maio de 1997, em São Paulo.

É considerado um dos principais educadores de toda a história da educação mundial e o educador brasileiro de maior reconhecimento internacional do século XX. Sua obra, conhecida em mais de cem países e traduzida para mais de vinte línguas, foi construída com muito esforço em contextos com inúmeras adversidades provenientes da pobreza, da exploração, da violência, do exílio, de culturas e populações devastadas por guerras e por diferentes formas de opressão, de colonialismo, de racismo e de todas as formas de exploração capitalista.

Ao propor uma pedagogia libertadora, Freire manifesta sua confiança no ser humano e acredita que todas as vidas merecem ser vividas com dignidade e liberdade. É um testemunho de fé na humanidade e de esperança no poder transformador da educação. Para que isso ocorra, a educação tem um papel indispensável, embora não exclusivo. Como ele mesmo declara, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

Freire foi declarado Patrono da Educação Brasileira em 2013, homenageado com o título *honoris causa* por universidades de mais de 40 países, condecorado pela Unesco pelo seu trabalho em prol da educação e em defesa da paz e dos direitos humanos e por títulos de cidadão honorário em cidades de diferentes partes do mundo.

Recebido em: 10/10/2021 – Aprovado em: 13/12/2021

<http://dx.doi.org/10.5335/rep.v28i3.13716>

* cursou licenciatura em Filosofia na Universidade de Passo Fundo, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor e pesquisador na Faculdade de Educação e no Programa de Pós-graduação em Educação (mestrado e doutorado) na Universidade de Passo Fundo.

Após seu retorno do exílio, que se deu entre 1964 e 1979, participou intensamente no debate sobre a educação brasileira, mas, ao contrário do que seus críticos dizem, nunca conseguiu implementar nem servir de referência a um projeto de educação nacional sustentado em suas ideias pedagógicas e políticas. Algumas iniciativas pontuais foram ou estão sendo realizadas por algumas escolas e por alguns municípios, mas nunca chegaram a extrapolar fronteiras locais.

Em alguns meios, Paulo Freire é responsabilizado pelas limitações que a educação brasileira apresenta. No entanto, tratam-se de reações decorrentes de preconceitos e distorções teóricas, sustentadas em visões elitistas sobre educação e teorias educacionais e que expressam uma visão obscurantista daqueles que pretendem desqualificar toda a manifestação que se apresenta como problematizadora das concepções autoritárias que possuem. Atacam sua obra e questionam seus títulos e o reconhecimento que teve em muitos países e instituições, alimentando o ódio e o desprezo à sua luta por liberdade, democracia e justiça social. Podemos imaginar, diante desse quadro, que, se vivo fosse, ele estaria sofrendo intensamente diante da sofisticação dos modernos meios de opressão e com a crescente maldade presente na crítica dos opressores. Entretanto, não ficaria calado e se ocuparia de mobilizar os oprimidos na luta contra os opressores, buscando pela educação o fortalecimento da resistência e da luta pela emancipação. O que menos o ocuparia seria, certamente, a defesa dos seus títulos e de suas comendas.

Uma das preocupações mais importantes da pedagogia de Freire é a formação de professores e de educadores populares. Tal formação implica na capacidade de voltar-se para a especificidade cultural de cada indivíduo, de cada grupo e de cada povo. A compreensão da realidade vivenciada e do universo em que cada educando se encontra é imprescindível para a formação de novos educadores. Os professores não são meros técnicos e administradores de um sistema ou de um conjunto de saberes, mas mediadores entre a cultura de cada povo e a cultura humana universal. Tal mediação não pode ser a imposição de uma cultura sobre outra, a dominação dos saberes de uns sobre os saberes de outros, mas uma síntese cultural. Todos são produtores de saberes que precisam ser valorizados no diálogo com os saberes de outros povos, de outras culturas, de outros indivíduos.

A escola que Freire propõe é a de ser um círculo de cultura, um círculo de investigação e de formação de indivíduos, de grupos, do povo em luta pela emancipação. É uma escola de práticas concretas sobre o mundo real em que os indivíduos vivem. A escola deve ser um espaço e tempo de pensar coletivo, de fazer participa-

tivo, possibilitando o surgimento da responsabilidade comum e de práticas transformadoras coletivas.

Paulo Freire não quer seguidores de sua pedagogia, mas inventores de novas formas educativas que promovam a liberdade e a autonomia dos educandos. Como ele mesmo afirma, “para seguir-me, o fundamental é não me seguir”. Ele não quer que o repitam, mas que cada um aprenda a reinventar-se no confronto com as situações opressoras que limitam o viver.

O pensamento de Paulo Freire e suas práticas, desenvolvidas em diferentes contextos e com diferentes sujeitos, são estímulos a quem acredita que a escola e a educação devem se constituir em práticas de emancipação e de libertação das visões opressoras e discriminadoras e que o saber de cada povo e de cada indivíduo é ponto de partida do processo de conscientização e transformação da realidade, algo que ele provou não só ser possível, mas necessário. Sua luta por uma educação humanitária e sua defesa intransigente da escola pública de qualidade, da democracia, da justiça social, dos direitos humanos e da dignidade de todo ser humano são apelos que nos conclamam a continuar a sua pedagogia do oprimido, da esperança, da autonomia. Diante de Freire, não é possível ficar indiferente. Como educadores, podemos estar com Freire ou contra Freire, mas dificilmente poderemos estar sem Freire.

Nossa homenagem a um educador que colocou a humanização e a libertação como princípios fundamentais de sua pedagogia. Depois de Freire, a educação brasileira e mundial assumiu uma nova perspectiva como luta pela libertação. Trata-se de uma pedagogia radical em todas as dimensões, uma pedagogia da descolonização das mentes, e sua prática é permanentemente revolucionária.

Nota

- ¹ Este manifesto foi organizado pelo professor doutor Eldon Henrique Mühl, traduzindo o posicionamento do PPGEdu-UPF, da revista *Espaço Pedagógico*, do Nupefe, do Grupo de Pesquisa Teoria e Prática Pedagógica na Formação de Educadores, do Nupepp e do Gepes. O documento foi apresentado durante o encontro virtual: “100 Anos de Paulo Freire: conversas sobre seu legado”, realizado em 1 de outubro de 2021, transmitido pelo YouTube.